

PSICODRAMA JUNGUIANO NO BRASIL

Visões, encontros e articulações

Cybele Maria Rabelo Ramalho

Aroldo de Lara Cardoso Jr.

Rafael Kim Bocca Czarnobai

(orgs.)



PSICODRAMA JUNGUIANO NO BRASIL
Visões, encontros e articulações
Copyright © 2026 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Marina Vitale**
Revisão: **Samara dos Santos Reis**
Capa: **Alberto Mateus, com**
ilustração de Cybele M. R. Ramalho
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Natalia Aranda**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.editoraagora.com.br>
e-mail: agora@editoraagora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio.....	7
Apresentação	11

Parte I — Os fundamentos em conexão

1. Entre Jung e Moreno: onde nasce um mito	17
<i>Antônio Anderson Câncio Mota e Karen Mirela Sales Venancio</i>	
2. O sociopsicodrama com sonhos no psicodrama junguiano: do individual ao coletivo	29
<i>Cybele Maria Rabelo Ramalho e Rafael Kim Bocca Czarnobai</i>	
3. O protagonismo entre <i>animus</i> e <i>anima</i> em <i>Madame Bovary</i> : diálogos a partir do psicodrama junguiano	43
<i>Rafael Kim Bocca Czarnobai</i>	

Parte II — As raízes ancestrais

4. Sementes culturais: iniciadores da alma e a tecnologia ancestral das histórias de tradição oral	55
<i>Ana da Fonseca Martins</i>	
5. Os contos africanos no trabalho sociodramático antirracista	71
<i>Cybele Maria Rabelo Ramalho e Rosa Maria Nascimento Corumba</i>	
6. Os Mistérios de Elêusis: morte e renascimento como transformação	85
<i>Anastasia Diotima Golema e Aroldo de Lara Cardoso Jr.</i>	

7. Psicodrama junguiano e reconstrução simbólica de papéis femininos: de Vasalisa a Inanna	99
<i>Cybele Maria Rabelo Ramalho e Lísia Conceição Ferreira Fontes</i>	

8. Tecendo significados ao som dos tambores ancestrais: o mitodrama como caminho de cura no ritual virtual	115
<i>Antônio Anderson Cândia Mota e Henrique Henkin Coelho Netto</i>	

Parte III — Encontros e articulações

9. Prosa, poesia e drama: simbolizações literárias no psicodrama junguiano.	129
<i>Aroldo de Lara Cardoso Jr. e Jorge Magalhães de Oliveira</i>	

10. Trilha da alma: encontros entre ecopsicologia e psicodrama junguiano, uma proposta vivencial	145
<i>Rafael Kim Bocca Czarnobai</i>	

11. As deusas ocultas: do medo de Hades à integração psíquica, imagens clínicas no psicodrama junguiano	157
<i>Verônica Brenes</i>	

PREFÁCIO

Para mim, entrar em contato com a preciosidade dos escritos de Cybele Ramalho sobre psicodrama junguiano é revisitar muitas das minhas memórias afetivas de décadas atrás. Ainda antes de iniciar minha formação em psicodrama, vivi um longo processo psicoterapêutico com Fátima Salomé Gambini, uma das minhas referências como psicoterapeuta e mulher preta, que me acompanhou em um período especial da vida. Fátima foi uma das primeiras analistas a trabalhar com *sandplay* — o jogo na caixa de areia no Brasil — e, na época, era esposa de Roberto Gambini, experiente terapeuta junguiano.

Assim, envolta em lembranças, realizei com prazer a leitura da presente obra, organizada por Cybele Maria Rabelo Ramalho, Aroldo de Lara Cardoso Jr. e Rafael Kim Bocca Czarnobai, *Psicodrama junguiano no Brasil — Visões, encontros e articulações*. A organizadora e os organizadores, também coautora e coautores, compõem essa coletânea com um grupo seleto de profissionais especialistas ou estudiosos em psicodrama junguiano no Brasil. Os autores nos apresentam as interfaces dessas duas abordagens teóricas, metodológicas e práticas e seus criadores, Jacob Levy Moreno e Carl Gustav Jung.

Trata-se de uma abordagem fenomenológico-existencial que procura dialogar com as referidas vertentes, mesmo partindo de epistemologias e construtos teóricos diferentes, buscando identificar aproximações e respeitar as especificidades de cada uma. Tarefa que, nas palavras dos organizadores, é delicada. E você, leitora, leitor, terá a oportunidade de constatar em cada capítulo deste livro essa delicadeza, por meio das reflexões e atuações aqui descritas.

É importante destacar, também, que o referido livro apresenta uma síntese do psicodrama junguiano no Brasil na atualidade, enquanto aponta para a importância da continuação das pesquisas e de novas produções científicas.

O livro contém 11 capítulos, distribuídos em três partes, que norteiam a “viagem” que podemos empreender com a leitura desta obra: “Os fundamentos em conexão”; “As raízes ancestrais”; “Encontros e articulações”.

No capítulo 1, iniciamos a viagem proporcionada por este livro pelos fundamentos teóricos, com “Entre Jung e Moreno: onde nasce um mito”. Antônio Anderson Câncio Mota e Karen Mirela Sales Venancio nos apresentam, usando suas palavras, “uma travessia simbólica que nasce nas águas [e] conflui dois grandes rios do século XX: a psicologia analítica de C. G. Jung e o psicodrama de J. L. Moreno”. Além disso, convidam-nos a adentrar uma realidade suplementar e celebrar o nascimento e o movimento do psicodrama junguiano. Provocam-nos ao questionarem: seria o psicodrama junguiano um mito?

No capítulo 2, aprofundamos esta viagem teórica com um tema instigante: os sonhos, um dos preferidos pelos psicodramatistas junguianos. Em “O sociopsicodrama com sonhos no psicodrama junguiano: do pessoal ao coletivo”, Cybele Ramalho e Rafael Czarnobai refletem sobre o trabalho com sonhos partindo do coinconsciente, definido por Moreno, e do inconsciente coletivo, definido por Jung, refletindo sobre o que seria o inconsciente na perspectiva do psicodrama junguiano. O capítulo inclui práticas inovadoras como o onirodrama, aplicado a grupos presenciais e online na perspectiva sociátrica, e o cartodrama dos sonhos, respeitando as divergências e as bases diversas entre as duas abordagens, mas considerando que esses autores se encontram na práxis fenomenológica do trabalho com sonhos.

Finalizando a fundamentação, encontramos, com Rafael Czarnobai, o capítulo 3, “O protagonismo entre *animus* e *anima* em *Madame Bovary*: diálogos a partir do psicodrama junguiano”. Ele nos apresenta, em um exercício de amplificação, “o protagonismo da dinâmica relacional entre *animus* e *anima*, articulando com a obra cinematográfica *Madame Bovary*, baseada na obra literária de Gustave Flaubert”, elaborando sensíveis correlações entre a teoria junguiana e a moreniana.

Adentrando as raízes ancestrais, começamos pelo capítulo 4, “Sementes culturais: iniciadores da alma e a tecnologia ancestral das histórias de tradição oral”, de Ana da Fonseca Martins. Ela investiga histórias de tradição oral “como expressões culturais promotoras de mudanças psicológicas, sociais e teleológicas”, articulando ensinamentos de Amadou Hampâté Bâ, Joseph Campbell e as teorias junguiana e moreniana. Levando em conta a prática dos contadores de histórias, da psicologia analítica e do psicodrama, a autora mostra que a prática de contação de histórias e a metodologia psicodramática são importantes para despertar iniciadores de aquecimento.

O capítulo 5, “Contos africanos no trabalho sociodramático antirracista”, de Cybele Ramalho e Rosa Corumba, visa ao trabalho de combate ao racismo. As autoras apon-

tam os contos africanos como possíveis recursos a serem usados como aquecimento grupal, utilizando o método do etnodrama, criado por J. L. Moreno. Além disso, questionam os complexos raciais culturais e oferecem relatos de atividades vivenciais, trazendo tais contos para o palco do sociodrama e possibilitando, assim, o protagonismo de nossas raízes ancestrais africanas.

No capítulo 6, “Os Mistérios de Elêusis: morte e renascimento como transformação”, a psicodramatista e terapeuta de artes expressivas grega Anastasia Diotima Golema e o psicodramatista brasileiro Aroldo de Lara Cardoso Jr. fazem um relato de experiência da Oficina Psicodramático-Mystagógica. Essa oficina, que tem como pano de fundo um ritual sagrado antigo da cultura grega, os Mistérios de Elêusis, explorou simbolicamente a passagem da morte ao renascimento. Tal exploração foi vivenciada pelo grupo através da visão da protagonista, que, em luto de um relacionamento longo, entrou em contato, no palco psicodramático, com aspectos simbólico-rituais presentes nos Mistérios de Elêusis, assim como nas figuras dos deuses gregos Deméter, Perséfone-Koré e Iaco-Dioniso.

No capítulo 7, Cybele Ramalho e Lísia Fontes abordam o “Psicodrama junguiano e reconstrução simbólica de papéis femininos: de Vasalisa a Inanna”. Elas propõem uma imersão no universo dos mitos e contos de fadas por meio do psicodrama junguiano. Enfatizam o trabalho sociodramático voltado para o gênero feminino e apresentam sua fundamentação teórica, dialogando com o tema da jornada da heroína e o método do mitodrama e refletindo sobre o desenvolvimento de papéis femininos no sistema patriarcal. Em suas palavras, “trabalhamos com a realidade suplementar dos contos de fadas e deusas ancestrais, observando como no psicodrama junguiano esses elementos favorecem o surgimento de *insights* dramáticos e a vivência da catarse de integração, atravessando temas universais”.

O capítulo 8, “Tecendo significados ao som dos tambores ancestrais: o mitodrama como caminho de cura no ritual virtual”, é escrito por Antônio Anderson Câncio Mota e Henrique Henkin Coelho Netto. Eles refletem sobre a contação de histórias de matriizes afro-brasileiras e ameríndias, compreendidas como expressões vivas de sabedorias ancestrais, trazendo ao palco do psicodrama e do mitodrama — método este criado por Corintha Maciel — relatos de suas experiências.

Seguindo para a parte final, de encontros e articulações, chegamos ao capítulo 9, “Prosa, poesia e drama: simbolizações literárias no psicodrama junguiano”. Aroldo de Lara Cardoso Jr. e Jorge Magalhães de Oliveira nos apresentam o encontro entre o psicodrama e a psicologia analítica, integrando-os de modo bastante original à literatura, à leitura dramática e a temas como paternidade e orgulho LGBTQIAPN+. Ilustrando o tema com relatos de sua prática profissional, concluem que “no psicodrama junguiano,

qualquer experiência dramática tem a potencialidade de ser considerada poética, narrativa e simbólica”.

No capítulo 10, temos um relato inédito e bem contemporâneo: “Trilha da alma — encontros entre ecopsicologia e psicodrama junguiano: uma proposta vivencial”, com Rafael Czarnobai. Ele procura correlacionar a ecopsicologia com a psicologia analítica e o psicodrama por meio de um relato de sua experiência metodológica na perspectiva do psicodrama junguiano. Introduzindo o trabalho psicoterapêutico com a ecopsicologia, o autor demonstra como ampliar nossa consciência a respeito da crise climática que enfrentamos.

Finalmente, o capítulo 11, “As deusas ocultas: descida ao Hades e integração psíquica no psicodrama junguiano”, explana o trabalho bastante criativo da psicodramatista uruguaia Verônica Brenes, que explora as dimensões simbólicas do feminino oculto. Ela nos apresenta sua criação, um baralho de tarô projetivo, “que possibilita a emergência de conteúdos psíquicos relacionados a aspectos reprimidos e distorcidos do feminino”, ilustrando com breves relatos de casos clínicos.

Portanto, esta obra é leitura fundamental não apenas para profissionais da saúde com interesse no psicodrama e na psicologia analítica, mas para todas as pessoas interessadas nas relações humanas. É um livro que recomendo com prazer. Certamente, novas pesquisas e contribuições surgirão.

MARIA CÉLIA MALAQUIAS

Psicóloga, escritora, mestre e didata
supervisora de psicodrama

APRESENTAÇÃO

O psicodrama junguiano caracteriza-se como um campo de experimentações na interface de duas grandes vertentes, baseando-se em Carl Gustav Jung e Jacob Levy Moreno e correlatos. Não faz muito tempo que o psicodrama junguiano veio à luz. As primeiras publicações a respeito datam da década de 1970 na Europa e podem ser caracterizadas pela abertura ao diálogo entre essas vertentes na intenção de aproximá-las pela práxis contemporânea. Tendo como base comum o pensamento fenomenológico, elas partem de campos epistemológicos distintos que dialogam em alguns pontos — como no plano simbólico dos sonhos, mitos, contos, personagens e metáforas — e se diferenciam em outros.

Esse exercício de reflexão de confluências entre Jung e Moreno é um processo delicado, que implica criatividade e originalidade enquanto respeita as especificidades de ambas as concepções originárias. Pretendemos expor, a cada capítulo deste livro, essa delicadeza, através da nossa diversidade de reflexões e atuações.

Este livro constitui um panorama do movimento do psicodrama junguiano no Brasil e visa estimular novas produções nessa direção. Na literatura psicodramática brasileira, o psicodrama junguiano começou em 2002, na trilha do livro *Aproximações entre Jung e Moreno* (publicado pela Ágora). Essa dança foi gestada com a bênção dos orixás na Bahia, entre 1999 e 2002, quando Cybele foi estudar a teoria junguiana, abrindo os horizontes para aprofundar-se nessa abordagem com um olhar de psicodramatista. Na Bahia de todos os brasileiros, o referido livro foi lançado no XIII Congresso Brasileiro de Psicodrama, celebrado em 2002, na Costa do Sauípe. Ali foram apresentadas as bases do psicodrama junguiano pelo viés existencial, epistemológico, metodológico e clínico. Essa apresentação foi realizada através do olhar da autora, porém com ênfase nos aspectos estéticos e poéticos das obras de Jacob Levy Moreno e Carl Gustav Jung. Wilson Castello de Almeida, no prefácio, foi quem criou a metáfora da dança incomum entre os dois autores.

Assim, após a permissão dos orixás, iniciada no mitodrama de Corintha Maciel desde a abertura do novo milênio, o movimento dessa dança se intensificou. As publicações foram seguidas de outros encontros, livros e artigos, nas quais a relação entre os autores fundamentais — Jung e Moreno — começou a ficar mais clara. Se, no começo dessa dança, a relação parecia distante, logo ela foi se delineando, respeitando-se os seus contrapontos.

Em 2006, no XVI Congresso de Psicodrama da International Association for Group Psychotherapy and Group Processes (IAGP), em São Paulo, Cybele participou do curso do psicodramatista junguiano italiano Maurizio Gasseau sobre sonhos — caminho trilhado por Aroldo quando Maurizio fez um *workshop* em Porto Alegre, em 2018. Na ocasião do seu encontro, Cybele e Maurizio apresentaram-se com as edições impressas de seus respectivos livros. Seguiu-se, em 2008, a colaboração entre Cybele e Rosa Corumba na publicação de *Descobrimos enigmas de heróis e contos de fadas — Entre a psicologia analítica e o psicodrama*. A obra trouxe a descoberta dos enigmas de heróis e contos de fadas para a confluência entre as abordagens junguiana e moreniana. Foi também em 2008 que o psicodramatista José Fonseca convidou Cybele para apresentar o *sandplay*, que ela desenvolveu em confluência com o psicodrama, no Daimon, em São Paulo.

No XVI Congresso Brasileiro de Psicodrama, ocorrido em 2008 em Recife, a obra resultante da colaboração entre Cybele e Rosa foi lançada ao público. As psicodramatistas junguianas do Brasil começaram, a partir dessa publicação, a se encontrar e trocar conhecimentos. No referido congresso de Recife, a atividade efetuada por Cybele sobre o *sandplay* — no palco em miniatura da caixa de areia — contou com a presença de Sérgio Perazzo no debate de seus conceitos. Sérgio entendeu que o *sandplay* poderia ser classificado como jogo no psicodrama brasileiro.

Inicialmente regado por produções isoladas e independentes, o psicodrama junguiano no Brasil foi, a partir de então, ampliando sua rede de relações. Em 2010, a convite de Cybele — e com o movimento de dança se tornando mais coletivo —, um grupo de coautoras escreveu *Psicodrama e psicologia analítica — Construindo pontes*, publicado pela editora Iglu. O livro foi prefaciado por Sérgio Perazzo, que ofereceu apoio ao movimento — o qual, ainda que exclusivamente feminino no Brasil, disseminava-se, chegando ao meio acadêmico.

A partir daí, os livros foram se espalhando lentamente, saindo do restrito público de Aracaju, no estado de Sergipe, e chegando às mãos de colegas de outras regiões. Estes entraram em contato com Cybele para trocar informações e por verem despertada a sua curiosidade sobre o tema. Em 2021, o psicodramatista Aroldo entrou em contato com Cybele para conversar sobre seus estudos e artigos acadêmicos sobre o psicodrama junguiano. Esse contato foi fundamental para que a aproximação entre eles fizesse

uma ponte promissora e efetiva entre São Paulo e Aracaju. Energia masculina e jovem, Aroldo gradualmente integrou o corpo docente da federada Profint — Clínica Escola de Psicologia, dirigida por Cybele em Aracaju, conhecendo ali outros psicodramatistas que praticavam e escreviam a respeito do psicodrama junguiano com a coragem costumeira do sergipano. Por meio dessa sincronicidade, as trocas foram se ampliando entre as regiões Sudeste e Nordeste.

No XIV Congresso Ibero-americano de Psicodrama, realizado em Florianópolis em 2023, a sincronicidade continuou a operar na formação de pontes. Cybele e Rafael sentaram-se, por acaso, lado a lado para assistir à apresentação de Suzana Duclós, psicodramatista junguiana de Santa Catarina. Depois de se apresentarem pela simples visão do crachá (“Ah, você é a Cybele? Li seu livro!”), o ciclo finalmente se firmou com a região Sul do país, pela adesão de outra energia masculina e jovem.

Cybele e Rafael começaram a esboçar o desejo de construir este livro. Na ocasião, também conheceram a psicodramatista uruguaia Verônica Brenes, a qual, desde então, passou a ter com Cybele encontros regulares de estudo e supervisão. E a psicodramatista mineira Ana Martins, que foi ampliando o olhar para os contos de tradição oral no psicodrama junguiano, estabeleceu encontros online com Cybele. O mesmo aconteceu com Anderson Cância, psicodramatista brasileiro que mora em Portugal, chegando Cybele a escrever o prefácio do seu primeiro livro, o que implicou encontros de troca e respeito mútuo.

No XXIV Congresso Brasileiro de Psicodrama, realizado em 2023 na cidade de Belo Horizonte, Cybele ministrou um minicurso sobre sonhos no psicodrama junguiano. Depois de despertar o interesse dos participantes pelo tema, verificou-se um ânimo maior para a formação de um grupo de estudos online, com pessoas de diferentes regiões do Brasil. Dessa forma, foi-se construindo uma ampla rede de parcerias entre alguns psicodramatistas junguianos de Aracaju (Karen Mirela Sales Venancio, Lísia Fontes, Jorge Magalhães de Oliveira, Rosa Corumba) e colegas de outras regiões, como Henrique Henkin Coelho Netto, de Campo Grande. Ao mesmo tempo, Aroldo se aproximou da psicodramatista e terapeuta de artes expressivas Anastasia Golema, da Grécia, e, por intermédio dele, esta foi incluída em nossa dança, que já fluía em rede sociométrica internacional. Nessa caminhada, pouco mais de 20 anos depois que se iniciou, o coletivo cresceu e aqueles que se reconheciam como psicodramatistas junguianos foram se conhecendo e dançando outras danças, agora em linguagem própria.

Foi criado um grupo de trabalho, com encontros regulares às quartas-feiras à noite, para o estudo do psicodrama junguiano. Esse grupo de profissionais compartilhou o que cada um estudava e pesquisava, assim como formou vínculos para pensar essa abordagem. Assim, a coreografia coletiva se tornou mais criativa e diversificada, dando

um foco colorido para essa dança inicialmente solitária. Nasceu, em 2025, o projeto deste livro, que integra profissionais de diversos estados brasileiros e alguns de outros países. Conceber este livro é localizar onde o psicodrama junguiano no Brasil se encontra pouco mais de 20 anos após os estudos introdutórios de Cybele Ramalho — não mais como trabalho solo, mas como uma produção grupal, com vários dizeres e fazeres, multifacetado, com a união das partes formando uma totalidade, integrando o ser e o fazer do psicodrama junguiano pelo diálogo com mitos, sonhos, ecologia, artes, espiritualidade e demais temáticas.

Podemos imaginar que existe uma música que cantaremos neste livro, que é múltiplo e mandálico e conta com dois canais, pois o psicodrama junguiano é assim: ele nos vira do avesso e desafia paradigmas, situando-se nas fendas, nas bordas, no entre, nas interfaces, nos mistérios, enfim, entre a arte e a ciência, o contemporâneo e o ancestral, integrando formas diferentes de ser e de pensar. A produção deste livro representa um cuidado coletivo com essa interface: criar um vaso para o cultivo fértil de fazeres e dizeres, uma possibilidade de que a luz e as sombras se encontrem no palco psicodramático e protagonizem um diálogo com o inconsciente. O psicodramatista junguiano preza o mundo da espiritualidade, que também é valorizado por Moreno no encontro com o ser cósmico. Compartilhamos *visões, encontros e articulações* na esperança de ampliar a potência do psicodrama junguiano e para que outros profissionais curiosos possam acrescentar, cocriar e, assim como nós, transgredir criativamente.¹ Aos bons encontros!

CYBELE MARIA RABELO RAMALHO

AROLDO DE LARA CARDOSO JR.

RAFAEL KIM BOCCA CZARNOBAI

1 A pintura de Cybele na capa deste livro, “Entre a era de Peixes e a de Aquário”, tenta traduzir, pela via da arte, como a obra traz algo da *anima* feminina de Jung e Moreno, assim como da *anima* do nosso tempo. Escolhemos essa arte multifacetada porque demonstra os diversos recortes que emanam destas páginas. Se na liquidez navegamos, também nela nos desnudamos, afirmando que os diálogos aqui presentes elevam-nos do plano sagrado à dimensão social, num movimento espiralado constante, que vai da profundidade à superfície, sem fronteiras.

PARTE I

OS FUNDAMENTOS EM CONEXÃO

1 ENTRE JUNG E MORENO: ONDE NASCE UM MITO

ANTÔNIO ANDERSON CÂNCIO MOTA

KAREN MIRELA SALES VENANCIO

Abrir esta coletânea neste primeiro ato deste palco do psicodrama junguiano é um privilégio e uma grande responsabilidade — fruto de escolhas, encontros e travessias que a vida nos trouxe. A tecitura misteriosa do viver nos surpreende ao aproximar duas almas situadas em geografias distantes — Brasil e Itália —, mas unidas por uma mesma paixão: o psicodrama junguiano.

Não falamos apenas de encontros visíveis, marcados em agendas ou retratados em fotografias. Falamos de fios invisíveis que, silenciosamente, se entrelaçam: um gesto poderoso que ecoa entre continentes, uma leitura que desperta ressonância em alguém distante, uma amizade que, de repente, revela-se ponte. Esses fios, por vezes quase imperceptíveis, quando entrelaçados formam uma trama consistente, capaz de sustentar obras, caminhos e destinos. É essa tecitura, urdida na delicadeza do tempo e do afeto, que nos conduz até aqui.

Nós, Karen e Anderson, nos tornamos amigos nesse percurso e, juntos, erguemos essa ponte invisível. Temos nos dedicado a estudar referências italianas sobre o psicodrama junguiano, ao mesmo tempo que permanecemos atravessados por nossa matriz tropical: o jeito brasileiro de fazer psicodrama — criativo, caloroso e plural. Nesse caminho, recebemos ainda a marca de nossos *senes* — palavra latina que, ao nomear o sábio, ressoa também como semente. São eles que guardam em si a memória e, ao cair em nosso solo, fazem germinar orientação e cuidado. Para Jung, o *senex* é o arquétipo do grande sábio: aquele que preserva e transmite. Em nossa trajetória, esse arquétipo se encarnou em mestres e mestras que, como sementes lançadas com generosidade, moldaram nossa escuta e presença, permitindo que o diálogo entre tradição e criação florescesse em nós.

Dessa confluência, veio ao mundo o livro *Psicodrama junguiano — Mitos que encarnamos no palco da vida* (Mota, 2025), de autoria de Anderson e batizado com um lindo prefácio escrito por Karen. Ali, no capítulo “Estórias e histórias do psicodrama junguia-